

UNIMEP – UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
Rodovia do Açúcar, Km 156 / 13400-911 - Piracicaba / SP
Fone (019) 3124 1608 / 3124 1668
www.unimep.br

GESTÃO 1999-2002

Prof. Dr. Almir de Souza Maia – Reitor
Prof. Dr. Gustavo Jacques Dias Alvim – Vice-Reitor Acadêmico
Prof. Dr. Ely Eser Barreto César – Vice-Reitor Acadêmico
Profa. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio – Diretora da Faculdade de Ciências da Religião

GESTÃO 2003-2006

Prof. Dr. Gustavo Jacques Dias Alvim – Reitor
Prof. Dr. Sérgio Marcus Pinto Lopes – Vice-Reitor Acadêmico
Prof. Dr. Arsênio Firmino de Novaes Neto – Vice-Reitor Administrativo
Prof. Ms. Ismael Forte Valentin – Diretor da Faculdade de Ciências da Religião

CEHILA/BRASIL – CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA E CARIBE
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 993 - Cj. 205 / 01317-001 - São Paulo / SP
www.cehila-brasil.org.br

GESTÃO 1999-2002

Profa. Ms. Beatriz Vasconcelos Dias Miranda – Presidente
Prof. Dr. Jorge Hamilton Sampaio – Vice-presidente
Profa. Ms. Claudete Ribeiro Araújo – Tesoureira
Prof. Dr. Luiz Carlos Marques – Secretário
Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez – Secretário Executivo

GESTÃO 2003-2004

Profa. Dra. Sylvana Maria Brandão de Aguiar – Presidente
Prof. Ms. Eduardo Gusmão de Quadros – Vice-presidente
Prof. Dr. Luiz Carlos Marques – Secretário
Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez – Tesoureiro

Sampaio, Jorge Hamilton, org.

Saúde, dinheiro e amor: estudo da vivência religiosa a partir dos seus sujeitos.
Piracicaba : UNIMEP / CEHILA, 2004, 306 p.
(Simpósio Cehila-Brasil/2002)

1. História do Cristianismo – América Latina 2. História das mentalidades
3. América Latina – História do Cristianismo 4. Experiência Religiosa

ISBN 85-904591-1-X

CDU 23/28 (091) (8=6)

EDITORACÃO ELETRÔNICA E PRODUÇÃO

GRÁFICA UNIMEP

Rodovia do Açúcar, km 156
13400-911 – Piracicaba/SP
Fone: 19 3124-1529 – Fone/fax: 3124-1529
Email: grafica@unimep.br

COORDENAÇÃO

Carlos Terra

CAPA

Wesley Lopes Honório
Sobre aquarela de Marilu F Queiroz

SAÚDE, DINHEIRO E AMOR:

estudo da vivência religiosa a partir dos seus sujeitos

Jorge Hamilton Sampaio
Organizador



CEHILA/BRASIL
Centro de Estudos de
História da Igreja na
América Latina e Caribe

 **UNIMEP**
Universidade Metodista de Piracicaba

ASPECTOS DE UMA BIOGRAFIA: SITUAÇÕES-LIMITE, COSMOVISÃO LIBERTÁRIA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Luis de Souza Cardoso

Quando faço uma biografia, penso que devo, por meio do personagem, chegar a uma explicação da sociedade daquele tempo. (Jacques Le Goff)

RESUMO

A biografia tem recobrado interesse como gênero historiográfico. Entre outros fatores isso se deve ao surgimento da micro-história, com seu interesse nas estratégias individuais ou comunitárias, dos sujeitos ou comunidades anônimas, que mesmo sem saber fazem a história, e em sua valorização da narrativa historiográfica. Baseado nesses pressupostos metodológicos este artigo apresentará um recorte biográfico sobre Sante Uberto Barbieri. Esse sujeito foi pesquisado em seu contexto social, levando-se em consideração três aspectos presentes na construção de sua identidade: as situações-limite, a cosmovisão libertária e a experiência religiosa.

Palavras Chave

Biografia – Micro-história – Narrativa – Sante Uberto Barbieri – Metodismo - Liberais

Este artigo subdivide-se em dois blocos: no primeiro uma rápida análise da revitalização da biografia, como gênero historiográfico, no contexto da micro-história; no segundo, a experiência de um recorte biográfico, sobre Sante Uberto Barbieri, um italiano imigrado para o Brasil meridional, nas primeiras décadas do século XX, levando-se em consideração o contexto social em que viveu e três aspectos presentes na construção de sua identidade: as situações-limite, a cosmovisão libertária e a experiência religiosa.

I. A REVITALIZAÇÃO DA BIOGRAFIA

1. **Modernidade, indivíduo e biografia:** com o advento da modernidade o indivíduo ganhou um status valorativo em oposição ao coletivismo medieval; como se refere Benito Bisso Schmidt: "... a sociedade moderna funda-se sobre os direitos individuais e visa a felicidade individual" (SCHIMIDT, 1994:33). O indivíduo da modernidade ou o homem moderno é idealizado e compreendido como sujeito soberano da história em sua racionalidade, autonomia, liberdade, consciente de si e da sociedade, e sem contradições. Este é o paradigma iluminista do indivíduo.

Com expansão dos direitos individuais no século XVIII, surge o gênero biográfico (PEREIRA, 2000:118). Nesse contexto, como representação do indivíduo moderno, preferia-se a história política tomada dos documentos oficiais e os indivíduos de destaque no cenário político, militar, religioso, da sociedade burguesa ilustrada, alimentando-se uma idéia de "heróis da história". Geralmente as biografias assumiam um caráter hagiográfico, laudatório, enaltecendo dos grandes feitos, dos "grandes homens" e tinha neles a determinação do curso da história.

As primeiras reações a esse modelo tiveram sua origem na própria crítica à modernidade burguesa. Por exemplo, com o pensamento de Karl Marx, que deslocou o eixo da determinação histórica do indivíduo para a infra-estrutura econômica e a luta de classes. Os historiadores marxistas passaram a dar maior importância à análise macro-social, aos movimentos coletivos, segregando a biografia a um gênero sem importância.

Mais tarde, na França, a escola dos *Annales* inaugurou a noção de “história-problema”, menos factual e mais temática, afastando-se das narrativas, da história centrada no indivíduo e deplorando a noção de biografia, no sentido iluminista e positivista do passado. Embora essa característica antibiográfica, numa primeira fase dos *Annales* podemos encontrar na obra de Lucien Febvre, seus conhecidos trabalhos sobre Martinho Lutero, Rebelais e Margarida Navarra, que de certo modo o aproximam daquilo que chamaremos gênero biográfico. Contudo, é preciso destacar que o próprio Febvre não credita ao seu trabalho essa qualificação.¹ Ele não se afasta da noção de “história-problema”, inaugurada pelos *Annales*, uma vez que insere os indivíduos em redes sociais e guia sua análise na direção de temas sociais amplificados; no caso, seus estudos sobre a Idade Média, século XVI: com Lutero trabalha a Reforma Protestante; com Rebelais, a possibilidade do ateísmo; e com Margarida Navarra a relação entre religião e moralismo. (SHIMIDT, 1994:44-45)

Quando em 1958 Fernand Braudel descreveu os tempos na história, (curta duração; média duração; e longa duração) relegou os eventos considerados de “curta duração”, aqueles relacionados com a vida dos indivíduos, à matéria de preocupação jornalística e não próprios para a atenção de historiadores. Para Braudel os historiadores deveriam deter-se com os eventos de “média duração” e, sobretudo, com aqueles de “longa duração”, o que caracterizou sua obra. Mais tarde tais concepções levariam historiadores como Pierre Chaunu, Le Roy Ladurie ou Michel Vovelle (historiadores das mentalidades) a decretar a morte da biografia.

2. A revitalização da biografia: No último quartel do século XX a biografia começou a ganhar renovado interesse por parte dos historiadores. Concomitante ao crescimento da massificação social, como um dos fenômenos constitutivos da pós-modernidade, surge também o estudo da fragmentação das práticas cotidianas na sociedade de massas, constatadas em pesquisas como as de Michel de Certeau (2002:104), a partir das quais propôs a recuperação das práticas cotidianas, a partir dos fragmentos, pois, a lógica implícita característica dessas atividades cotidianas vem à tona apenas nos detalhes, dos quais o próprio indivíduo, “o homem ordinário” (*Ibid*, 57), como se refere, passa a ser “o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (*Ibid*, 38).

¹ Na primeira edição de “Martinho Lutero, um destino” (1928), Febvre destaca na primeira sentença do prefácio: “Uma biografia de Lutero? Não. Um juízo sobre Lutero, tão-pouco (*sic*)”. (FEBVRE, 1994:13).

Essa renovação de interesse pela biografia, como destaca Benito Bisso Schmidt (1994:49), “procura ver o indivíduo como um microcosmo de múltiplas relações, cruzado por vetores racionais e irracionais, eivado de contradições. Ele pode ser objeto e produto de diversos discursos que não buscam a veracidade e sim a verossimilhança”.

Recentemente diversos historiadores têm reconhecido a volta do gênero biográfico ao âmbito da historiografia. Peter Burke (2000:18), analisando os desafios de uma história polifônica, destacou a narrativa sobre o indivíduo nas obras de Golo Mann (Wallenstein) e de Carlo Ginzburg (O queijo e os vermes), como exemplos de “histórias bem contadas”. Eric Hobsbawm, que publicou uma obra autobiográfica, assim referiu-se à especialização e à escala reduzida do gênero biográfico: “Acredito que, hoje, mesmo para um historiador experiente, está cada vez mais difícil propor uma abordagem ampla e de um período muito grande. Acho que meu caso é exceção. A maioria da história que é escrita hoje é mais pontual, mais especializada” (COLOMBO, 2001:E1). Jacques Le Goff, que também se dedicou às biografias de São Luis e São Francisco de Assis, referiu-se ao gênero biográfico declarando: “Acho que a biografia se aproxima da ‘história total’, que idealizávamos na Escola dos *Annales*. Quando faço uma biografia, penso que devo, por meio do personagem, chegar a uma explicação da sociedade daquele tempo” (*Ibid*, E3).

Referindo-se a esta emergência da biografia, Schmidt destaca:

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares. (SCHIMIDT, 1997:5)

Portanto, como procuramos descrever, o gênero biográfico, no âmbito da historiografia, está em expansão. Contudo, é preciso destacar o abandono dos ideais historiográficos da modernidade iluminista e do positivismo, daquele indivíduo heróico, autônomo e único feitor da história. As novas características historiográficas da biografia associam o indivíduo à noção de “fragmentos representativos” de uma cultura ou sociedade, sujeito a discursos contraditórios, entrelaçado no tecido de redes de sentido, das quais é construído e construtor, sujeito a rupturas e continuidades, consistências e fragilidades, certezas e dúvidas. Contrariamente aos modernos que se contentavam com os discursos lineares e os tempos cronológicos soberanos (onde a vida era narrada em seu “curso natural” – nascimento, desenvolvimento, envelhecimento e morte), a biografia hoje se enfrenta com o indivíduo na sua multiplicidade; o sujeito multifacetado, encontrado em suas contradições, a partir dos cacos ou fragmentos, “onde *zooms* destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo” (CERTEAU, 2002:57), observados em perspectiva das

redes sociais e discursivas mais amplas, onde noções como cultura, ideologia, representação e outras, devem ser sempre levadas em consideração.

II. RECORTE BIOGRÁFICO DE SANTE UBERTO BARBIERI

Procuraremos identificar a partir das informações biográficas de Sante Uberto Barbieri, italiano imigrado para o Brasil nas primeiras décadas do século XX, os seguintes aspectos em sua constituição identitária:

1. algumas práticas religiosas fragmentárias, associadas às situações-limite vividas pelo sujeito, as quais influenciaram na construção de sentido para sua vida;
2. o modo como ele estabeleceu conexões e produziu sínteses de sentido entre a cosmovisão libertária, herdada dos pais, e sua experiência religiosa na mocidade.

Por situações-limite vamos designar os acontecimentos que o colocaram diante da fragilidade da vida, expondo a pergunta sobre os limites da existência e condição humana e a precariedade das respostas diante de tais questionamentos; por exemplo, no caso de Barbieri: a doença e a morte. Conforme Ronaldo Vainfas, “pode-se dizer que os temas mais aptos a uma investigação microanalítica são aqueles ligados a comunidades específicas (...), às situações-limite e às biografias” (VAINFAS, 2002:136).

Por “cosmovisão libertária” vamos nos referir ao modo de encarar a vida e o mundo, calcado em valores tais como: liberdade, igualdade, justiça e defesa da dignidade da vida.

1. *Il mondo nostra patria*: Barbieri, nascido italiano, no Vêneto, em 2 de agosto de 1902, na cidadezinha de Dueville, província de Vicenza, chegou no Brasil em 1911, na esteira da imigração italiana. Era filho de pais anarquistas, militantes internacionais, os quais, inquietos, traçaram um trajeto migratório de interessante enredo, fruto da própria militância anarquista, mas também da busca de melhores condições de vida. Passaram para a Suíça, Alemanha e Estados Unidos da América até chegarem no Brasil.

Da avó paterna Barbieri herdou a primeira influência religiosa de sua vida. Dos pais, aversos à religião, herdou uma cosmovisão libertária de aberta defesa aos ideais de igualdade e justiça social. Depois de distanciar-se da influência religiosa durante toda adolescência, quando esteve sob a influência exclusiva dos pais, na juventude seu caminho veio a cruzar-se novamente com a experiência religiosa. Tornou-se metodista e nessa tradição religiosa constituiu sua vida posterior. Condiicionado ao desapego nacional experimentado pelos pais, cuja coerência ao lema anarquista, *il mondo nostra patria*, somado ao desamparo social da terra natal, que os impeliu por rotas imigratórias, por diversos países, Barbieri tornara-se um imigrante. Do Brasil ainda rumou mais ao sul: em 1939 foi para o Uruguai e dali para a Argentina, Buenos Aires, onde permaneceu até sua morte em 13 de fevereiro de 1991.

2. O rigor intelectual e a cosmovisão libertária: Aos 87 anos Barbieri continuava rememorando sua paixão pelos livros, adquirida nos tempos da infância e mocidade. Na sua memória guardava e recordava aquelas experiências, declarando: “Muito cedo adquirir o hábito de ler. Havia dias quando lia durante o dia todo, não tendo outra coisa que fazer” (BARBIERI, 1990: entrevista em áudio).

Desenvolveu esse gosto pelos livros e o conhecimento de outras línguas pela influência dos pais e por uma certa tendência pessoal. Por exemplo, aos nove anos já havia lido as “Memórias” de Leon Tolstói; depois, foi a filosofia de Schopenhauer e Nietzsche; a poesia do florentino Dante; a literatura espanhola de Cervantes e a mística de Unamuno e do mexicano Amado Nervo; o melhor dos franceses, Vitor Hugo, Pierre Corneille e Louis Ratisbonne; na literatura brasileira seu encontro e paixão por Castro Alves, a quem chamaram de “poeta e apóstolo”. Assim, da boa literatura italiana, francesa, alemã, espanhola, brasileira e mais tarde inglesa, fruía tudo o que lhe chegava ao alcance das mãos e dos olhos.

Entre 1918 e 1920, já no Rio Grande do Sul, como mascate, acompanhando o pai nas longas viagens pelas colônias italianas das regiões de Caxias do Sul e mais tarde de Passo Fundo, Barbieri recorda e registra:

Às vezes, viajando à noite, com lua cheia, ouvindo o murmúrio da água, em silêncio ia repetindo o que havia lido. Tinha em minha jovem imaginação a sensação de ser um “cavaleiro andante”. Meu “escudeiro” me dizia que as muitas letras me enlouqueciam e os livros que levava malogravam (*sic*) o lombo dos animais. Porém, ao mesmo tempo em que lamentava não estar em uma escola regular, quantas coisas ia sonhando nesta “universidade ambulante”, em lombo de mula! (BARBIERI, 1976:5)

Por volta de seus 18 anos (1920), em Passo Fundo (RS), recebeu o reconhecimento por seu esforço e valor intelectual autodidata, tendo encontrado interlocutores entre os liberais² da localidade. Suas habilidades literárias e o interesse pelos debates de idéias o aproximaram de “pessoas intelectualmente inquietas” (*Ibid*, 5), da “*intelligentsia da cidade*” (Idem, 1949:6) como ele mesmo os qualificou mais tarde.

Passo Fundo dessa época é descrita como “uma cidade interiorana com ares pouco provincianos”, onde “era possível uma convivência social intensa” permeada por atividades culturais como “palestras, peças de teatro, bailes, saraus e reuniões

² Nos referimos por “liberais”, neste período, aos grupos associativos ou fraternidades como, por exemplo, os maçons ou os próprios protestantes. Vieira, tratando do Brasil no século XIX, informa que “o termo ‘liberal’ significava uma crença difusa no valor do indivíduo, e na convicção de que a base de todo o progresso era a liberdade individual. Mais ainda, que o indivíduo deveria ter o direito de exercer sua liberdade ao máximo, conquanto não viesse a infringir a liberdade dos outros”. VIEIRA, D.G. *O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil do século dezenove*. Brasília: Universidade de Brasília, [s.d.] p.1. (Monografia). Também discutem os conceitos de “liberalismo” e “liberal”, em seus trabalhos, os seguintes pesquisadores da história do protestantismo na América Latina: BASTIAN, J. P. *Los disidentes: sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica – El Colegio de México, 1989. BONINO, J. M. *Rostros del protestantismo latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995.

onde a fina flor da sociedade passofundense discutia assuntos da moda” (MEDEIROS, 1999:86).

Nesse contexto foi ele convidado para escrever, *ad honorem*, ao jornal “A Época”. Como se recordava: “somente pelo prazer de dizer o que minha jovem mente criava, dando vazão ao que aprendera de meus pais, isto é, o respeito ao ser humano e o amor à liberdade” (BARBIERI, 1976:5) Em seguida passou a proferir algumas conferências públicas em reuniões dos liberais. A primeira foi sobre a “Liberdade”, em 14 de julho de 1921, em honra da Revolução Francesa. Essa aproximação da *intelligentsia* da cidade provocou sua exposição pública, tornando-o mais conhecido e benquisto por suas idéias, as quais iam ao encontro das aspirações dos liberais.

Se por um lado isso lhe custaria a quase expulsão de Passo Fundo, pela fúria de um pároco, quando Barbieri ousou defender a livre expressão aos protestantes, através de um artigo que refutava argumentos da contra-reforma, colocando-o no olho de um furacão, por outro, chegava também sua tão sonhada oportunidade de estudos regulares. Foi quando pela primeira vez conheceu um pastor protestante, cuja liberdade de expressão houvera defendido, como afirmou, viria na esteira desses fatos em 1923, já no contexto de sua adesão ao metodismo; em 1926 Barbieri formou-se Bacharel em Artes e Teologia, pelo “Porto Alegre College”. No período de 1930 a 1933 fez seus estudos de pós-graduação nos EUA.

No campo das letras Barbieri incentivou e participou da fundação de diversos Grêmios Literários. Dois desses transformaram-se em Academias de Letras, em Passo Fundo e Carazinho, RS. Foi recebido como acadêmico na Academia Rio-Grandense de Letras, com quem manteve ligação mesmo depois de ausentar-se do Brasil. Publicou uma considerável bibliografia teológica, poética e literária em português, espanhol, italiano e inglês.

Uma peculiaridade desse sujeito, que o torna foco de nossa pesquisa é o fato de que ele, mesmo depois de ter estabelecido fortes vínculos com a fé religiosa, por ele abraçada na juventude, manteve traços evidentes em sua postura e por seus escritos, que o identificam com os ideais e princípios herdados dos pais. Pode-se dizer que a sua experiência religiosa não negou os ideais do anarquismo, professados por seus pais e nele introjetados na infância e adolescência. Como foi capaz essa síntese? Já que uma premissa da experiência religiosa pregada pelo protestantismo é calçada na chamada “mudança de vida” – a conversão, cabe perguntarmos-nos diante da experiência religiosa de Barbieri, o que lhe propiciou criar sentido para sua vida, sem negar o seu passado? Que fatores levaram o jovem Barbieri a aderir à religião (?), quando ele mesmo se autoqualificava como um “um jovem agnóstico, um livre pensador, imbuído com idéias revolucionárias” (Idem, [s/d]:4).

3. Experiência religiosa e as situações-limite na constituição de sua identidade: Os primeiros contatos de Barbieri com a religião, de acordo com suas narrativas, estiveram associados e marcados por situações-limite. Tais acontecimentos em

conexão com outros vividos na juventude, produziram uma síntese, senão decisiva ao menos facilitadora, para sua adesão à religião.

Ao final de 1901, o pai imigrou para a América, a West Hoboken (NJ), conhecido destino dos vicentinos ligados à tecelagem, ao movimento operário e ao anarquismo (o lugar ficou apelidado de “ninho dos anarquistas na América”). Em 2 de agosto de 1902 nascia o menino que levou o nome do pai: Sante Barbieri. Seis meses depois a mãe também partiu ao encontro do marido, deixando o filho na terra natal, aos cuidados da *nonna* paterna e de uma tia. Aí, logo cedo, ele conheceu a religião e as práticas religiosas, recebendo até os seis anos uma forte influência católica (*Ibid*, 2).

Era uma criança bastante frágil, afetada por alguma doença muscular que o deixava na cama a maior parte do dia, cuja cura levou vários anos. Aos três agravou-se sua saúde parecendo que já ia morrer. A piedade católica da *nonna* não suportou a hipótese do *bambino* morrer sem o batismo cristão; morrer pagão era inaceitável! (*Ibid*, 2) Então, mesmo sem consultar os pais e certamente contra a vontade deles, procurou a Igreja Católica Romana e batizou o neto. Diante da gravidade daquele momento, a *nonna* foi tomada por um misto de medo, precaução e respeito diante dos mistérios da vida e da morte. Nela estava latente o sentimento do *homos religiosus*, natural do domínio do sagrado, que, segundo Otto, habita as profundezas do ser e se torna numa intensa sensação de dependência ou, conforme Schleiermacher, num “sentimento de ser criatura” (OTTO, 1985:11-15).

Mais tarde Barbieri reconheceu que “para ela, teria sido uma coisa terrível [ele] morrer sem um Batismo Cristão” (acréscimo nosso) (BARBIERI, [s/d]:2) e que as práticas religiosas da *nonna* e da tia, que povoaram seu universo infantil, vieram a influenciar na constituição de sua identidade, conforme afirmou:

...não há nenhuma dúvida que eu adquiri dessas duas mulheres, camponesas simples, minhas aspirações espirituais e a atração pelo mistério das coisas invisíveis. Ambas eram muito piedosas e me levavam à Igreja Católica Romana todos os domingos. Nós guardávamos todos os dias religiosos do calendário. (Idem, 1949:2)

Em sua memória guardou com detalhes os rituais do *Giorno dei Morti*. Naquele dia de fim de outono, bem cedo as pessoas começavam a peregrinação aos cemitérios, levando flores e velas que eram depositadas nos túmulos dos mortos amados. Barbieri recorda que naquele dia iam ao túmulo do *nonno*, Domenico Barbieri, um ferroviário que morrera cedo devido aos rigores da profissão. Era um dia de respeito, reverência e saudade *in memória* aos mortos. Por meio dos rituais, histórias e rezas daquele dia, tudo se passava como se velassem novamente o morto querido.

Apesar dessa atmosfera religiosa da infância, Barbieri não se identificou como um cristão até seus vinte anos. Contudo, guardou latente alguns traços daquele tempo com a *nonna*, em especial a sensibilidade humana, a valorização da vida e uma certa atração pelo místico. Mesmo sem compreender tal atração, reconhece-

ria mais tarde que nutriu na adolescência um estranho fascínio que vinha à tona ao ler as poesias místicas de Amado Nervo.

Quando completara seis anos, os pais voltaram da América. Naqueles próximos anos receberia novos contornos em sua educação, baseada numa matriz de ateuísta, resistente à religião e à instituição religiosa, valorizadora da razão e priorizadora das lutas sociais, calcados em ideais tais como: liberdade, igualdade, justiça e luta pela dignidade humana. Numa breve descrição ele identifica o resultado dessa educação, nas características de sua juventude:

Eu era um jovem agnóstico, um livre pensador, imbuído com idéias revolucionárias. Embora nunca tivesse pensado em participar de um movimento violento para mudar as estruturas sociais, as quais achava injustas, eu estava convencido de que sem violência poderia ser impossível mudá-las. Tinha herdado estas idéias de meus pais italianos, que na mocidade moraram na Suíça como imigrantes e lá conheceram alguns revolucionários da Rússia, inclusive Lênin. Eles não impuseram a mim as suas idéias, mas eu simpatizei com elas. Também não me apresentaram para qualquer religião; isso (na opinião deles) era algo que eu deveria decidir, quando chegasse o tempo certo. (acréscimo nosso) (Idem, [s/d]:4)

Em sua juventude, no início dos anos 20, na cidade de Passo Fundo (RS), encontrar-se-ia com os metodistas. Eles haviam se estabelecido naquela cidade a partir de 1911, com apoio de liberais, particularmente os maçons, e, em 1920 a missão metodista fundava ali um colégio protestante, denominado Instituto Gymnasial.

A partir disso as disputas católico-metodistas na cidade se acirrariam. Os metodistas que contavam com o apoio da Maçonaria e das elites liberais, tinham agora também um colégio e estavam dispostos a influenciar a educação da elite. Os católicos, pioneiros na religião e na educação confessional na cidade, haviam fundado em 1904 o Colégio São Pedro, educandário Marista, que permaneceu até 1910, quando foi fechado por supressão das verbas públicas, pelo intendente municipal Gervásio Lucas Annes, maçom e republicano, importante liberal da cidade, cujos membros de sua família mais tarde se tornariam metodistas. (MEDEIROS, 1999:89)

Foi nesse contexto que, por volta da metade de 1921, Barbieri protagonizou um episódio que o levaria ao encontro dos metodistas.

Caminhando pelas ruas ele deparou-se com um panfleto e ao tomar conhecimento de seu conteúdo surpreendeu-se, conforme relata: “E qual foi a minha surpresa ao encontrar-me frente a um libelo de um sacerdote católico romano, contra um grupo religioso dissidente, denominado metodista, ao qual eu desconhecia. Quem eram? Em que acreditavam?” (BARBIERI, 1976:6)

Barbieri não conhecia os metodistas, até porque não tinha nenhum interesse por religião; pelo mesmo fato não se sentia um Católico Romano, embora reconhecesse a influência que esta tradição religiosa tivera sobre sua infância. Contudo, por influência dos pais e das leituras da juventude, como Schopenhauer, Nietzsche

e outros autores da mesma escola, tinha a “idéia de que a religião era algo negativo na vida” (*Ibid*, 5). Portanto, não se tratava de defender esta ou aquela religião, a questão era outra. Na sua opinião, o conteúdo daquele panfleto colocava uma espadinha suspensa sobre dois aspectos para ele de extrema importância: a liberdade de consciência e a dignidade humana. Educado que fora na defesa das causas libertárias, não poderia se conformar com aquela situação.

Recorreu então ao jornal “A Época”, para o qual costumava escrever. O diretor, porém, apesar de ser maçom e liberal, temia as consequências de um revide por meio do seu jornal. Depois de vencer a relutância do diretor, Barbieri conseguiu publicar uma resposta na sessão intitulada “Tribuna Livre”, destinada às matérias pagas, porém sob o acordo de que nada pagaria, pois, como colaborador costumeiro do jornal, nunca havia recebido nada. Seu artigo, intitulado “As aves negras”³ (o que já nos dá uma idéia do tom do artigo), publicado sob assinatura de Sante Uberto, causou grande alvoroço na cidade. No dia seguinte o pároco católico refutou o artigo, qualificando Barbieri como “monstro” e reivindicando que fosse expulso da cidade, o que só não aconteceu devido à proteção dos liberais e à influência do intendente municipal que era maçom. Assim, a controvérsia sucedeu-se por algumas semanas, enquanto aguçava-se a curiosidade de Barbieri pela religião, conforme recordou:

Eu sabia da existência de um livro chamado Bíblia, por aquele tempo de leitura proibida aos fiéis católicos. Fui então em busca desse livro na livraria de um conhecido meu. Depois, voltei para casa jubilosamente com aquele texto nas mãos e comeci a folhá-lo sem ordem. Felizmente comeci a lê-lo, por acaso, na primeira carta de São João e ali encontrei a definição de Deus: “Deus é amor”. E mais tarde, procurando mais detidamente, encontrei o carpinteiro Jesus, encarnação desse amor em seu trato com o ser humano. (*Ibid*, 7)

É certo que seus ideais e sensibilidade humanista, já expressos na defesa da liberdade de pensamento, facilitaram esse encontro. Ele mesmo considerou que apesar da cosmovisão pessimista que possuía em relação à religião, uma centelha de sentimento religioso estava presente no seu interior, em sua opinião, herdada daqueles anos que passara com a *nonna*.

Enquanto ainda seguia a controvérsia, Barbieri foi apresentado ao missionário metodista na cidade, reverendo Daniel Lander Betts, conforme descreveu:

...estando eu na livraria de um amigo meu, este apresentou-me ao pastor metodista, um missionário americano chamado Daniel Landder Betts, dizendo-lhe: “Aqui está o seu defensor!” Em seguida o missionário perguntou-me quem eu era. Respondi-lhe, considerando meus estudos irregulares, o estado de precariedade da saúde de meu pai e a minha completa incerteza quanto ao futuro: “Não sou ninguém!” “Como?”, indagou-me. Expus-lhe minha situação. Então ele exclamou:

³ Não há mais exemplares do jornal, do período em referência, nos arquivos que foram pesquisados. Foram realizadas pesquisas em Passo Fundo e Porto Alegre (RS). As outras possibilidades seriam arquivos particulares, porém, mesmo o Arquivo Histórico de Passo Fundo, sob os cuidados da Universidade de Passo Fundo – UPF, não tem notícias da existência de tais arquivos. Ao arquivo da Diocese de Passo Fundo não tivemos acesso.

mou: "Meu jovem, nós temos um colégio nesta cidade! Podemos dar-lhe um modesto emprego enquanto você poderá continuar mais normalmente seus estudos." (*Ibid*, 7)

Aí começava sua relação com os metodistas, a qual, aliada aos problemas que enfrentava, em algum tempo desencadearia profundos questionamentos em seu íntimo, na busca por explicações existenciais; o pai, que era homem perspicaz, perceberia logo as influências recebidas por Barbieri, conforme relatou:

Em um certo entardecer, enquanto os raios do sol estavam morrendo por sobre as ondas do mar, em Santos, Brasil, justamente só alguns meses antes de meu pai morrer, eu estava caminhando com ele ao longo da praia. Eu sempre tive uma tremenda paixão pelo mar e nunca deixei de admirar o seu maravilhoso mistério. Posso ficar horas e horas ouvindo sua voz murmurando e olhando seus movimentos incessantes. Enquanto admirava aquele maravilhoso pôr do sol, eu comentei com meu pai: "Você poderia acreditar que toda essa maravilha é mero produto do acaso?" Ele olhou-me espantado e disse: "Você cogita com esta pergunta que poderia haver um Deus? Você se deixou influenciar por algumas idéias religiosas?" Eu respondi: "Não posso lhe afirmar com certeza. Mas, para mim é difícil acreditar que tudo isto que há no mundo só exista por mero acaso". Então o silêncio caiu entre nós e não mais falamos. As sombras da noite nos encontraram olhando longe o horizonte, onde o céu encontra o mar... (*Idem*, 1949:9)

Basicamente foram dois os motivos que influenciaram na decisão de Barbieri em aceitar a oferta do missionário metodista: primeiro, porque ele desejava intensamente poder estudar regularmente, preparando-se para alcançar o seu grande sonho, ser advogado; e, segundo, porque diante das situações-limite em que vivia, estava profundamente sensibilizado e suscetível, particularmente por um apelo feito pelo pai, já no leito de morte, que tocou profundamente em seus sentimentos, conforme relatou:

A saúde de meu pai foi agravando-se, uma tarde levei o pastor para que o conhecesse. Este leu passagens das Escrituras e orou por ele. Aquela leitura e súplica impressionaram a meu pai e naquela noite ele me pediu que lesse as mesmas passagens, o que não pude fazer por não saber ainda onde se encontravam. Foi quando meu pai me fez uma confissão, que nunca mencionara antes: "Filho, quando eu tinha tua idade, na Suíça, um pastor, vendo-me meio extraviado, ofereceu tomar-me sob seus cuidados e fazer-me estudar. Recusei! Eu era contra a religião pelo desencanto experimentado em minha primeira juventude. Se a ti se apresenta a ocasião de ser ajudado por essa gente, não o recuses!" Meu pai faleceu poucos dias depois e eu não recusei a ajuda que se me oferecia. (*Idem*, 1976:8)

Pouco depois desses acontecimentos, Barbieri aderiu à religião, contudo, é possível perceber em suas posturas e idéias, por toda a vida, que guardou sempre aqueles traços herdados dos pais anarquistas, das suas leituras da infância e juventude.

de, do comportamento e cosmovisão libertária desenvolvida em sua juventude. Mais tarde, em uma entrevista, ele mesmo descreveu sua experiência religiosa, ou em outros termos o que poderíamos chamar de sua conversão, da seguinte forma: "Eu não tive uma revolução emocional (...) Minha conversão foi gradual. Eu tive que refletir cada passo e cada idéia nova. Somente quando minha mente e coração puderam harmonizar-se eu fui capaz de dedicar a Cristo minha vida e tudo o que é meu". (*LEE*, 1952:63)

Posteriormente Barbieri tornou-se uma liderança reconhecida no metodismo brasileiro e Latino Americano, atuando como pastor, professor de teologia e posteriormente bispo em quatro países (Argentina, Uruguai, Bolívia e Peru). Ajudou a fundar o CIEMAL - Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e Caribe, do qual foi também secretário executivo. Em nível ecumênico presidiu a primeira CELA - Conferência Evangélica Latino Americana (Buenos Aires, 1949); foi presidente do Conselho Mundial de Igrejas (eleito na Segunda Assembleia, em Evanston, 1954); teve também importante papel na organização do CLAI - Conselho Latino Americano de Igrejas.

CONCLUSÃO

A reconstrução biográfica de Sante Uberto Barbieri, de cujo trabalho esse artigo é um breve extrato, revelou que as experiências religiosas marcantes, vividas por ele em seus seis primeiros anos de vida, associadas ao contexto das suas debilidades de saúde, assim como os rituais em torno da morte, foram elaboradas por ele, em diálogo com a educação recebida posteriormente de seus pais, redundando numa profunda sensibilidade ao humano e à liberdade. A matriz político-ideológica dessa educação recebida dos pais, de cunho anarquista, não preconizava religião, ao contrário era resistente a ela e à instituição religiosa.

Em sua juventude, ao se reencontrar com a religião, sugestivamente também num contexto de situações-limite (a agônica impossibilidade dos seus estudos formais, o que lhe deixava sem perspectivas; a doença e morte do pai; e uma visão extremamente pessimista de mundo), fez sua opção, possivelmente pela própria influência das situações vividas e dos resquícios dos seus primeiros anos de vida. Isso nos demonstra como o ser humano é capaz de sínteses surpreendentes, a partir de elementos tão contrários, gerando uma nova situação, que por outro lado não necessariamente constitui-se na negação de sua história de vida. No caso de Barbieri, fica evidente como é difícil, senão impossível, desvincular-se dos traços constitutivos da identidade, o que revela que mesmo no caso da experiência religiosa, a conversão, não constitui-se numa completa negação identitária, como se a pessoa pudesse tornar-se *tabula rasa* e começar tudo novamente, como se inexistisse o seu passado, suas idéias e seus comportamentos. Nesse sentido é mais apropriado entender a experiência religiosa de Barbieri como uma síntese a que chegou, em determinado momento da vida, constituindo de modo mais amplo no tempo a sua identidade e o sentido para sua vida.

A recuperação e análise das narrativas de suas memórias nos revelaram uma permanência da experiência religiosa vivida na primeira infância, em sua elaboração de sentido na juventude. Contudo, também nos demonstram a conservação e incorporação dos elementos oriundos da visão de mundo anárquico-libertária, sintetizados em sua vida religiosa posterior, ecumênica, de profundo compromisso social e como intelectual que sempre foi, com ampla valorização da razão.

O estudo procurou demonstrar estas conexões e sínteses de sentido entre “experiência religiosa”, “situação limite” e “cosmovisão libertária”, perpassadas pelo contexto social, na vida do sujeito estudado. As práticas religiosas do cotidiano, mesmo que fragmentárias, em especial quando associadas a situações-limite, podem se constituir em fortes elementos identitários, de caráter mais permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBIERI, S.U. *A short biography of Sante Uberto Barbieri*. Buenos Aires, maio 1949. 14.p. (Datilograf.)
- _____. Gravação em áudio (fita K7), 21 de jan. 1990.
- _____. *How I met Christ* - Testimony. Buenos Aires, [s.d.]. 12.p. (Datilograf.)
- _____. *Mi desconocido itinerário hacia Cristo*. Buenos Aires, dezembro 1976. 9.p. (Datilograf.)
- _____. *Mi trayectoria pastoral*. Buenos Aires, [s.d.]. 24.p. (Datilograf.)
- BASTIAN, J.P. *Los disidentes: sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica – El Colegio de México, 1989.
- BONINO, J.M. *Rostros del protestantismo latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1995.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARDOSO, L.S. *Sante Uberto Barbieri: Recorte biográfico de um imigrante italiano no Brasil meridional e sua inserção no metodismo*. São Bernardo do Campo, 2001. 206p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.
- LEE, E.M. *He wears orchids* – other Latin American stories. New York: Friendship Press, 1952.
- MEDEIROS, M.M. de. *Cara ou coroa: Católicos e Metodistas no Planalto Médio gaúcho no início do século XX*. Porto alegre, 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- OTTO, R. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista e Ciências da Religião, 1985.
- PEREIRA, L.M.L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral* – Revista da ABHO. Rio de Janeiro: ABHO, n.3. p.117-127. jun. 2000.

SCHIMIDT, B.B. A pós-modernidade e o conhecimento histórico: considerações sobre a volta da biografia. In: *Cadernos de Estudo* do Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre: UFRGS, n.10. p.31-56. dez. 1994.

VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da história – Micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIEIRA, D.G. *O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil do século dezenove*. Brasília: Universidade de Brasília, [s.d.]. (Monografia)